
O jornalismo especializado em saúde nas emissoras CBN e BandNews¹

Carla de Oliveira TÔZO²
FIAMFAAM Centro Universitário, SP

Resumo

Este artigo reflete sobre o jornalismo em saúde feito através das ondas sonoras das emissoras jornalísticas Band News e CBN entre os meses de fevereiro e abril de 2017. O interesse em escrever sobre a relação entre rádio e o jornalismo especializado em saúde ocorre pelo leque de possibilidades que o meio oferece na construção/transmissão do conteúdo de uma forma geral permitindo assim um maior conhecimento/discussão sobre o assunto.

Palavras-chave: Jornalismo em Saúde; Cidadania; Jornalismo Científico; Rádio;

1. O jornalismo especializado em saúde e a construção da cidadania

A notícia satisfaz um impulso humano básico. As pessoas têm uma necessidade intrínseca – um instinto – de saber o que acontece além de sua própria experiência direta. Compartilhamos informações o tempo todo e precisamos delas para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, para identificar amigos e inimigos. O acesso à informação contribui de forma direta para a mudança de situação de quem a consome e é aí que entra o papel do jornalismo que, historicamente, sempre esteve associado à construção da democracia e à conquista de direitos e da cidadania. Para KOVACH e ROSENSTIEL (2004) “quanto mais soubermos, mais livres seremos”.

Nesse sentido, não é exagero afirmar que o acesso às informações ligadas à saúde são ainda mais fundamentais para essa “sobrevivência” do homem em sociedade, ou seja, para o exercício da cidadania.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, professora do FIAMFAAM Centro Universitário. E-mail: carlatozo@uol.com.br; carla.tozo@fiamfaam.br

social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (...) (DALLARI, 1998, p.14)

O conceito moderno de cidadania tem como base a Declaração Universal dos Direitos Humanos definida em Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Nela, são enumerados os direitos que todos os seres humanos possuem, como por exemplo, o artigo I que afirma: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação uma às outras em espírito de fraternidade” ou no artigo 25 que já retrata essa cidadania ligada ao acesso à saúde: “Toda pessoa tem o direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis (...)”.

A própria Constituição Federal Brasileira de 1988 (chamada de Constituição Cidadã) também deixa claro o papel do Estado no direito à saúde no artigo 196: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.”

No entanto, é só olharmos ao nosso redor para vermos que esse equilíbrio não existe. A desigualdade crescente nas condições de saúde entre ricos e pobres, começando pela simples diferença de expectativa de vida, já demonstra que essa democracia não vem sendo cumprida.

E um dos responsáveis por esse desequilíbrio é, muitas vezes, a imprensa. Parece haver uma incoerência na sua essência. O jornalismo – como já mencionado - tem o dever de levar informações de qualidade à sociedade para que seus integrantes se tornem cidadãos plenos/ativos. No entanto, esse mesmo jornalismo está cada vez mais entrelaçado com as lógicas comerciais que visam o lucro. Então como quebrar esse ciclo? Mantendo sempre a ética.

Ter ética em jornalismo, no que se refere à saúde é ter um compromisso firmado com a manutenção e preservação da vida dos cidadãos. É ter o objetivo de informar em prol do bem estar social. Promover mais que informação, qualidade e respeito à vida. (SILVÉRIO, 2011, s/p)

A autora ressalta que abordar saúde vai muito além das técnicas de redação. “Não basta ser uma ‘vitrine estética’ dela. É preciso ser funcional. Pôr em prática o jornalismo informativo, preventivo, educativo e de utilidade pública com o intuito de prevenir e erradicar doenças da população” (SILVÉRIO, 2011, s/p).

Afinal, o jornalista ainda é considerado uma fonte confiável de informações por parte da população. Na pesquisa sobre percepção pública da Ciência realizada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia de 2010, os jornalistas ficaram em segundo lugar como fontes confiáveis de informação atrás apenas dos médicos. Já na versão de 2015, os mais confiáveis são: cientistas ligados a instituições públicas, jornalistas e médicos, ou seja, o índice de confiança nos jornalistas ultrapassou levemente o dos médicos.

A enquete forneceu dados ricos sobre o acesso à informação e à divulgação científica, embora, esse acesso ainda seja limitado e a desinformação grande. Os brasileiros declararam ter bastante interesse por assuntos de Medicina e Saúde (78%), Meio Ambiente (78%) e Ciências e Tecnologias (61%), e certamente, isso pode ser usado como argumento para os veículos aumentarem seu espaço para esse tipo de pauta.

Para OLIVEIRA (2014, p. 35) as mídias costumam codificar as notícias da saúde em duas grandes categorias:

(...) uma ligada à promoção da saúde (avanços da ciência, modos de cura, descoberta de novos medicamentos, novas tecnologias e procedimentos pra a erradicação de doenças ou de combate aos agravos da saúde, entre outras coisas), e outra a movimentos imprevisíveis no âmbito da sociedade envolvendo diversos tipos de ocorrência relacionados à política, a grupos sociais, a especialistas, a autoridades, a governos e/ou ao cotidiano dos serviços do campo da saúde.

Entretanto, SILVÉRIO acredita que o conjunto de narrativas que vem das mídias jornalísticas sobre a saúde é resultado:

não da simples convergência e cooperação entre estes dois campos, mas de intensas disputas simbólicas, conflitos e tensão devidos às diferenças entre a natureza discursiva e os objetivos axiológicos preconizados por cada um, que definem e particularizam os modos de dizer, nomear e interpretar os acontecimentos (...). (SILVERIO, 2014, p.37)

O jornalismo de saúde, como uma forma especializada de jornalismo, ou ainda um “braço” do jornalismo científico é construído pela interação de médicos, biólogos, farmacêuticos, entre outros. Cabe ao jornalismo não apenas o papel de decodificador. Espera-se algo muito maior: ter um papel utilitário e se colocar a serviço do receptor; é ser um espaço de estímulo ao debate público. Somente através de informações com qualidade e ética que as atitudes e comportamentos sociais podem ser transformados.

AZEVEDO (2009) aponta em sua dissertação de mestrado que desde o surgimento da imprensa, saúde e doença ocupam espaço em suas páginas. Tivemos desde os

interesses gerais pelas Ciências, passando pela medicina pura, movimentos feministas conectados à saúde até atingir seu apogeu entre os anos 80 e 90 do século XX com as revelações sobre a AIDS.

Mas como definir saúde? A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma ser um “estado completo de bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade” e defende que “a saúde de todos os povos é fundamental para a paz e a segurança e depende da plena cooperação dos indivíduos e do Estado”. Assim, uma vez presente nos diversos veículos jornalísticos, as informações sobre saúde passam a ter um enorme valor para seu público, e segundo LOPES (2012, p. 11) os jornalistas e as instituições precisam estabelecer uma comunicação eficaz para ambas as partes. Assim como acredita BURKETT, 1990, p. 2:

No mundo da redação científica para os meios de comunicação de massa, um ensaio bem escrito e importante, dirigido a uns poucos leitores selecionados, pode ser deixado sem publicar para dar lugar a histórias de menor importância que lidam com o bizarro e o pseudocientífico ou com temas de mero interesse humano. Um dos desafios é, então, comunicar de forma precisa e interessante, para que o verdadeiro conhecimento desperte o interesse de um público maior.

A verdade é que o jornalista especializado, ainda mais o de saúde, enfrenta uma grande dificuldade em usar a linguagem “adequada”. OLIVEIRA (2002, p. 43) explica que a “redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos”. Por isso, o uso de metáforas e analogias com o cotidiano trazem bom resultado. “Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil a compreensão do assunto, a comunicação científica torna-se eficaz” (OLIVEIRA, 2002, p.44).

O texto jornalístico exige seriedade na sua redação, entretanto, seriedade não precisa ser sinônimo de sofisticação. A leveza é essencial para o seu entendimento e, escrever para o grande público pressupõe simplicidade sem o didatismo. BURKETT (1990, p. 75) reforça que como em todo o Jornalismo, a redação científica apóia-se sobre cinco fatores: documentação, verificação, interrogação, observação e participação.

Não existem modelos, ou seja, a qualidade do texto vai depender do material que você coletou durante a entrevista, a observação dos fatos. Não existe a mágica do conteúdo, logo, a arte do bom jornalismo e do jornalismo em saúde, por exemplo, é a qualidade da apuração.

Os redatores, particularmente os redatores de ciência, têm mais escolhas sobre como fazer seu trabalho do que muitos acreditam. O processo todo é uma série de escolhas ou um consenso estabelecido com os editores. Nunca uma história se ‘escreveu pro si mesma’, como alguns repórteres afirmam. Se algumas histórias saem facilmente de sua máquina de escrever ou processadora, provavelmente é porque o conteúdo torna as suas decisões fáceis ou você vê rapidamente um início que funcionará. Você pode ser mais rápido do que alguns de seus colegas em tomar uma decisão. Entretanto, é fácil esquecer que não existe uma maneira certa de organizar uma história. Todas as matérias representam uma série de escolhas criativas. (BURKETT, 1990, p. 118)

E nada melhor do que o meio Rádio para oferecer essa relação de proximidade com o público, que além do uso de uma linguagem mais simples cheia de metáforas e analogias com o cotidiano contribui para a transmissão do conhecimento e a construção da cidadania desde o seu surgimento.

2. O rádio como um meio democrático na construção da informação

O Rádio é um meio de comunicação quase universal, pois traz o mundo para aqueles que não sabem ler e ajuda a manter o contato com os que não podem ver. “Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz. (...) as imagens do rádio são do tamanho que você quiser”. (MCLEISH, 2001, p.15). Para o autor, o rádio fala para milhões ao mesmo tempo em que fala para cada indivíduo; é veloz, não tem fronteiras; é simples, é barato, tem personalidade e serve ao público.

O fato é que noventa e cinco anos depois (sua primeira transmissão no país ocorreu no dia 7 de setembro de 1922, nas comemorações da Independência, na então capital federal Rio de Janeiro) o rádio ainda encanta um público grande e diverso, justamente por não possuir restrições.

O rádio é, por definição, um meio dinâmico. Está presente lá, onde a notícia acontece, transmitindo-a em tempo real para o ouvinte. Também aparece ali, onde se faz necessária uma canção para espárecer ou enlevar. E chega acolá, naquele cantinho humilde a carecer de uma palavra de apoio, de conforto ou, quem sabe, de indignação. Neste século XXI de tantas tecnologias e, por vezes, de poucas humanidades, constitui-se por natureza, e cada vez mais, em um instrumento de diálogo, atento às demandas do público e cioso por

dizer o que as pessoas necessitam e desejam ouvir em seu dia a dia. Tudo de forma muito simples, clara, direta e objetiva. (FERRARETTO, 2014, p.13)

Apesar de o rádio brasileiro estabelecer-se a partir de uma dupla determinação – a princípio antagônica – de ser um veículo de comunicação privado, portanto, sujeito as regras do mercado e, ao mesmo tempo, controlado pelo Estado que se responsabiliza pela sua concessão e fiscalização, sua origem/desenvolvimento esteve ligado desde o início com as Ciências.

Em 1916 nasceu a Sociedade Brasileira de Ciências, que se transformou depois, em 1922, na Academia Brasileira de Ciências (ABC). Ela esteve ligada em 1923 com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (considerada oficialmente a primeira emissora do país) através da parceria de cientistas, professores e intelectuais, entre eles Edgard Roquete Pinto que tinha como objetivo a difusão de informações e temas educacionais, culturais e científicos. Os acadêmicos produziam, escreviam e apresentavam os programas, além de irradiar cursos e palestras científicas sobre temas de física, química, história natural, botânica.

Além disso, a emissora contou com a presença ilustre, em 1925, de Albert Einstein que proferiu “após minha visita a esta Rádio Sociedade, não posso deixar de mais uma vez admirar os esplêndidos resultados a que chegou a ciência aliada à técnica, permitindo aos que vivem isolados os melhores frutos da civilização. (...)”³

O Projeto *Memória da Rádio Sociedade* desenvolvido pela FIOCRUZ tenta recuperar a memória da emissora e, respectivamente, sua ligação com a Ciência. Os responsáveis por esse projeto explicam no site (Fiocruz/radiosociedade) que nos anos 20 acreditava-se muito no potencial da divulgação e educação científica das novas tecnologias. “Seria uma disseminação barata, rápida e fácil dos conhecimentos, alcançando numa só voz os lugares mais remotos do Brasil. O rádio seria um meio de democratizar a informação e educar toda a nação”.⁴

A história nos mostra, no entanto, que o rádio acabou indo em direção ao entretenimento (humor, radionovelas e os destaques dados para cantores e cantoras que se tornaram celebridades nacionais) de forma predominante, no entanto, ao mesmo

³ Texto extraído do site <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=21&sid=33>. <Acesso em 30 de abril de 2017>

⁴ Informações obtidas no site <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=21&sid=33>. <Acesso em 30 de abril de 2017>

tempo, o meio sempre fez questão de investir em jornalismo e é aí que aparecem temas ligados à Cidadania, Ciências e Saúde, por exemplo.

JUNG (2007, p. 35) afirma que:

o jornalismo, mal ou bem, sempre fez parte da programação. A notícia dividia o tempo com a indústria do entretenimento, que se difundia pelos programas de auditório, apresentação de calouros e transmissões de novelas. (...) Informar foi verbo conjugador em todos os tempos do rádio.

MCLEISH (2001) defende o meio como um multiplicador/acelerador do processo de informar a população, como um vigilante sobre os que detêm o poder e como um fornecedor de informações e serviços visando o desenvolvimento do cidadão.

Com a chegada do transistor na década de 1950 – que permitiu a redução do tamanho dos aparelhos, melhorando a mobilidade - o rádio ultrapassou fronteiras e o ouvinte passou, a saber, sobre salários, higiene, esporte, política, entre outros assuntos. No fim da década de 1950 o jornalista Reinaldo Jardim criou na rádio Jornal do Brasil um serviço de utilidade pública parecido com uma sessão de achados e perdidos no qual os ouvintes de todo o Rio de Janeiro trocavam informações.

Um pouco antes (anos 1940) os empresários já despertaram para o potencial informativo do veículo com o ataque a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941 em um domingo. STEPHENS, 1993, p.618 apud BETTI, 2010, p. 2 explica que

não havia jornais vespertinos aos domingos. A partir do primeiro boletim – que interrompeu um jogo de futebol americano (...), logo depois que os cabos de telégrafo despacharam a notícia, às 14:22 (Costa Leste) – até a manhã de segunda feira, o rádio teve exclusividade sobre esta notícia.

O rádio é heterogêneo e se comunica com “diversos escalões socioculturais e, conseqüentemente, com diferentes níveis de compreensão. Hoje, o público, em geral, não é muito especializado e é preciso conseguir que as mensagens radiofônicas possam chegar a todos os escalões da audiência, captando o interesse de cada um”. (PRADO, 1989, p. 31 e 32).

Apesar desse livro ter sido escrito ainda na década de 1980 a ideia defendida por PRADO é a mesma nos dias de hoje. Ainda temos que falar com um público variado e que não domina todos os assuntos – apesar da internet os fazer acreditar que sim – e com uma linguagem de fácil compreensão.

Por isso a importância de equilibrar a base da linguagem radiofônica que “engloba o uso da voz humana (em geral, na forma da fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si” (FERRARETTO, 2014, p.31).

Combinados entre si de forma harmônica esses elementos são à base do rádio.

A dramatização no rádio estimula a sensibilidade do destinatário. Os personagens, mesmo quando descritos no texto, são recriados pelo ouvinte, de acordo com seus padrões estéticos e de comportamento. A voz e os efeitos sonoros conduzem à narrativa, mas o efeito de sentido produzido pelo discurso radiofônico oferece um leque maior do que na televisão, na medida em que a imagem não é dada a priori, mas construída pelo ouvinte. (ABREU, 2014, p.2)

Quando um locutor lê um texto se torna um “vendedor” das ideias que estão ali, daí a importância de articular bem as palavras, dar um ritmo adequado a cada leitura.

O bom profissional de rádio parte de um conceito em relação ao que pretende produzir e, com base nessa definição, planeja e executa o seu produto, tendo claro o papel de cada elemento da linguagem em relação aos objetivos pretendidos. (FERRARETTO, 2014, p.32)

Além disso, ao contrário do rádio do passado que exigia um belo timbre de voz, hoje, a naturalidade, a simplicidade e a pronúncia correta das palavras atrai muito mais o ouvinte.

O importante é ter uma boa dicção, articular bem as palavras, saber pronúnciá-las corretamente, inclusive as estrangeiras. É preciso também ter um compasso, uma espécie de balanço adequado ao falar, ou seja, não pode ser muito rápido, que ninguém agüenta, e nem devagar demais, que todos dormem. Uma voz equilibrada consegue dosar o tempo certo para a locução. (PRADO, 2006, p.91)

E o texto? Este segue as normas universais do jornalismo: clareza, concisão, precisão, simplicidade e objetividade. O que o diferencia de outros meios é a sua instantaneidade. “O ouvinte só tem uma chance para entender o que está sendo dito. Lembre-se de que a mensagem no rádio se ‘dissolve’ no momento em que é levada ao ar. (...) O jornalista precisa ter em mente que está contando uma história para alguém (...).” (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 72). E é nesse sentido que há um bom casamento entre o texto científico, de saúde e o texto de rádio. “A missão do redator é conquistar o ouvinte na primeira frase. Se a primeira frase não levar à segunda, a comunicação está morta” (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 72). De forma geral deve-se evitar palavras

difíceis, ou seja, ser mais coloquial e usar sentenças de frases curtas mesmo em programações jornalísticas ou especializadas.

3. O jornalismo especializado em saúde nas emissoras all news CBN e Band News

All-news pode ser traduzido livremente como tudo-notícia e sua característica é oferecer uma programação integral que transmita apenas conteúdo jornalístico tanto na TV quanto no rádio.

No Brasil esse modelo nasceu através da rádio Jornal do Brasil AM no final da década de 1980 quando o superintendente da emissora Carlos Lemos viajou aos Estados Unidos e voltou empolgado com o que viu sendo feito por lá. A ideia era criar um novo hábito no ouvinte “ouvir notícias sucessivas o dia inteiro ou a maior parte do dia”, o que acabou não dando muito certo por falta de recursos e do interesse da audiência.

O formato all-news viria a emplacar somente em 1º de outubro de 1991 quando a Central Brasileira de Notícias (CBN) entrou no ar em FM. Pertencente ao grupo Globo a “rádio que toca notícias” tem quatro emissoras próprias e 30 afiliadas e conta com cerca de 200 jornalistas, entre repórteres, produtores, editores e comentaristas.⁵

Por cerca de 14 anos reinou absoluta até o lançamento da BandNews em 20 de maio de 2005. Pertencente ao grupo Bandeirantes, a BandNews tem operações em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Brasília, Fortaleza, João Pessoa, Vitória e Orlando na Flórida.

A CBN troca o ciclo de informações a cada meia hora e a BandNews a cada vinte minutos. Quando a CBN nasceu não existia no país nenhuma experiência com emissoras all-news que tivesse dado certo, por isso, levou um tempo para que pudesse criar sua estrutura. Desse modo, a emissora ficou por um longo período associada a um conteúdo mais denso/pesado enquanto a BandNews nasce com a proposta de ser mais leve/jovem.

Mas, na verdade, ambas estão classificadas no que chamamos de gênero jornalístico que, para FILHO (2003, p. 89) é o:

⁵ Texto extraído do site <http://cbn.globoradio.globo.com/institucional/historia/HISTORIA.htm>. <Acesso em 30 de abril de 2017>

instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e, portanto, acrescentar ao ato de informar opiniões particulares sobre os acontecimentos. (...) os gêneros radiofônicos estão relacionados em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas de audiência.

Para o autor, os gêneros podem ser jornalísticos, educativo-cultural, entretenimento, publicitário, propagandístico, serviço e especial e, cada um deles, tem formatos que servirão para atingir propósitos específicos.

O gênero jornalístico, por exemplo, pode abranger os formatos de nota, notícias, boletins, reportagens, entrevistas, comentários, editorial, crônicas, radiojornal, documentário jornalístico, mesas redondas ou debates e programas especiais. (FILHO, 2003).

Para a elaboração desse artigo optou-se por analisar os gêneros/formatos e linguagens utilizados por cada uma das emissoras na hora de falar/retratar os temas ligados à Saúde. O período de pesquisa ocorreu entre os meses de fevereiro e abril de 2017 com a audição dos programas direto no dial 90,5 e 96,9 (respectivamente CBN e BandNews) e/ou através dos sites das emissoras que disponibilizam os áudios dos seus programas.

3.1 Os exemplos da CBN e BandNews

A CBN tem como marca possuir um grande número de comentaristas que aparecem na programação em participação especial nos jornais ou tendo seu próprio espaço com boletins informativos em horários pré-determinados que segundo FILHO (2003, p. 92) é “um programa informativo com no máximo cinco minutos de duração, que é distribuído ao longo da programação e constituído por notas, notícias e, às vezes, por pequenas entrevistas e reportagens”.

Relacionado ao tema Saúde e afins há alguns transmitidos em toda a rede e outros somente em São Paulo – que é o interesse – para esse artigo. Foram selecionados então: *CBN Saúde e Bem-Estar* (2f, 15h32) com Cristiane Segatto; *Saúde em Foco* (2f a 6f, 10h35) com Luis Fernando Correia; *Bem-estar & Movimento* (2f a 6f, 7h27) com Marcio Atalla e *Saúde em Movimento* (domingo, 11h40) com Patrícia Julianelli. Além disso, como programa estendido há todos os sábados às 14h02 com reprise aos

domingos às 21h30 o *Consultório CBN* que consiste em uma entrevista mais informal guiada pela apresentadora Tânia Morales com médicos que tiram dúvidas sobre os mais diversos temas.

A participação de colunistas também sempre foi uma marca da BandNews desde o seu início. Inclusive, pelo sucesso desses quadros é que alguns programas ganharam o que eles chamam de “versão estendida” em outros horários. Podemos citar: *Seus Filhos*, *É Brasil que não acaba mais*, entre outros.

Sobre a temática Saúde podemos destacar os boletins *BandNews Em Forma* (2f a 6f, 2h57; 5h45; 20h57 e 23h37) com Camila Hirsch e Renata Veneri; *Doutor Diagnóstico* (2f a 6f, 14h17 e 23h57) com Dr. Paulo Olzon e *Isso é coisa da sua cabeça* (4f e 5f, 12h17; 15h47 e 22h05) com Inês de Castro e o psiquiatra Daniel Barros. Os três também aparecem na programação em versão estendida como um programa de entrevistas ou até como debate em horários alternativos. *BandNews Em Forma Versão Ampliada* (aos sábados pela manhã), *Doutor Diagnóstico no Alta Frequência* às 2f por volta das 16hs e o *Humanamente* (que nasce a partir do *Isso é coisa da sua cabeça*) aos sábados 7h20 com reprise aos domingos 21h20.

No caso dos Boletins, em ambas as emissoras, o jornalista faz uma introdução sobre o tema e em seguida formula perguntas para o comentarista/convidado. Os quadros podem ser ao vivo ou gravados e o tempo varia de 1’30” a 8’. Os comentaristas são médicos ou profissionais ligados à Saúde e, muitos dos apresentadores/jornalistas (principalmente na CBN) tem uma vasta experiência na área. Em relação à linguagem radiofônica destacam-se apenas o texto e a voz; não há uso de trilha e/ou efeito. A exceção ocorre com o boletim *Isso é coisa da sua cabeça* (BandNews) que tem uma vinheta de abertura e um trilha sonora bem moderna enquanto a jornalista explica o tema e faz a pergunta do dia. O silêncio aparece quando o médico vai responder o questionamento.

Percebe-se que na programação da CBN a escolha de pauta ocorre com base nas notícias gerais conhecidas como factuais (febre amarela, plano de saúde popular, aedes aegypti, câncer, entre outros) nos Boletins *CBN Saúde e Bem-Estar* e *Saúde em Foco*, já nos demais o tema são sempre dúvidas enviadas pelo ouvinte.

Na BandNews, a abordagem é diferente. A maioria dos Boletins tem as perguntas dos ouvintes como base e somente o *Isso é Coisa da sua cabeça* busca as informações em situações do dia a dia e/ou notícias gerais.

Os programas de entrevista como podem ser classificados o *Consultório CBN* (30'), *Dr. Diagnóstico no Alta Frequência* e *BandNews Em Forma versão ampliada* (cerca de 1^o)⁶ representam uma das principais fontes de coleta de informação dentro do jornalismo. PRADO (1989, p. 57) defende que:

a entrevista é formalmente um diálogo que representa uma das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, fruto do diálogo. Esta interação – natural na comunicação humana a nível oral – exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar. (...)

BARBEIRO e LIMA (2003, p. 59) afirmam “boas entrevistas são as que revelam novos conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões”. No caso específico do *Dr. Diagnóstico* a entrevista sempre é dinâmica porque a (o) jornalista acaba perguntando ao Dr. Paulo Olzon às dúvidas enviadas naquele momento por parte dos ouvintes através das redes sociais ou aplicativos.

O *Humanamente* é o único com formato mais dinâmico entre os exemplos observados. Trata-se de um programa gravado no auditório do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Se parece com o que FILHO (2003) chama de mesas-redondas ou debates. Há um mediador/apresentador que organiza, mostra as regras e dá o espaço para os convidados debaterem o tema. No *Humanamente* a mediadora é a jornalista Inês de Castro com o apoio do psiquiatra Daniel Barros. Juntos eles entrevistam o (s) convidado (s) sobre o tema do dia e dão espaço ao público presente no auditório para também fazerem suas perguntas.

Considerações finais

Não é exagero afirmar que o Rádio é um dos meios mais próximos do seu público e, no quesito cidadania, o mais completo no sentido de fazer valer os direitos garantidos através da sua programação. O rádio é o porta-voz, o fiscal da sociedade, aquele amigo que esclarece suas dúvidas. Aqueles que defendem uma comunicação

⁶ Em rádio nos referimos à marcação do tempo da seguinte maneira: hora °, minuto ' e segundo ''

mais democrática afirmam que o “acesso à informação contribui para a mudança de situação”. Ou seja, o conhecimento é sinônimo de liberdade e ter acesso a ele transforma a pessoa em sujeito ativo na construção da sua história, ou mais especificamente, no exercício do seu direito à cidadania.

Este artigo faz apenas um levantamento – nas duas maiores emissoras radiofônicas jornalísticas do país – para identificar se e como o tema Saúde é veiculado. E em um primeiro momento o resultado é positivo. Por quê? Porque há uma cobertura consideravelmente extensa sobre o tema, o que possibilita ampliar a difusão de informações que podem subsidiar propostas ou intenções para uma educação em Saúde a uma parte da população que tem acesso a esse tipo de programação.

As duas emissoras - tanto nos Boletins quanto nos programas de maior extensão – funcionam como um canal entre os especialistas e o público garantindo o acesso à informação assegurado pela Constituição Federal no artigo 5º. Ambas escolheram o jornalismo para fazer isso, afinal, o jornalista é o profissional responsável por procurar informações e divulgá-las segundo o interesse público, relacionando os fatos com as conseqüências.

Referências bibliográficas

ABREU, João Batista. **Estética do imaginário**. In: Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Paraná: Foz do Iguaçu, 2 a 5/9/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2481-2.pdf>. Acesso em: 20/07/2015.

AZEVEDO, Ana Paula Florêncio Margarido de. **O jornalismo na saúde: uma visão transcontinental**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Especialização em Informação e Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10845>>. Acesso em: 24 de abril de 2017.

BANDNEWS. Em 20 minutos tudo pode mudar. <http://www.bandnewsfm.com.br/>. Acesso em 20 de abril de 2017

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BETTI, Juliana Gobbi. **Modelos de Rádio Informativo no Brasil: As Redes All-news**. In Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/INTERCOM(Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).RS: Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3141-1.pdf>. Acesso em 1 de março de 2017.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico: resgate de uma trajetória**. In: Comunicação & Sociedade, nº30, SBC: Umesp, 1998, pp.208-220.

BURKETT, Warren. **O jornalismo científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CBN. A rádio que toca notícias. <http://cbn.globoradio.globo.com/>. Acesso em 20 de abril de 2017

DALLARI, Dalmo. **Direitos Humanos e Cidadania**. SP: Modena, 1998

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. SP: Summus, 2014.

FILHO, André Barbosa. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

FIOCRUZ/MUSEU DA VIDA.
<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2>. Acesso em 20 de abril de 2017.

FIOCRUZ/RÁDIOSOCIEDADE.
<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=35>. Acesso em 30 de abril de 2017.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. SP: Contexto, 2007

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2004.

LERNER, Kátia e SACRAMENTO, Igor (orgs). **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. RJ: Editora Fiocruz, 2014

MARCÍLIO, Maria Luiza. BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIEREITOS HUMANOS. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) – 1946. SP: Universidade de São Paulo. In: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. <acesso em 5 de abril de 2017>

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio** – um guia abrangente de produção radiofônica. SP: Summus, 2001

OLIVEIRA, Valdir de Castro. **As fabulações jornalísticas e a saúde**. In: LERNER, Kátia; SACRAMENTO, Igor (orgs). **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. RJ: Ed. Fiocruz, 2014

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

PERCEPÇÃO PÚBLICA DA C&T NO BRASIL 2015. In: <http://percepcaocti.cgee.org.br/>. Acesso em <24 de abril de 2017>

PESSONI, Arquimedes. **Jornalismo em saúde: abscessos a serem drenados**. In: **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Paulo/São Bernardo do Campo: Umesp, 2015

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. SP: Summus, 1989

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio: um manual prático**. Elsevier, 2006.

SANTOS, Marli dos; BUENO, Wilson da Costa (orgs). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Paulo/São Bernardo do Campo: Umesp, 2015

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVÉRIO, Alessandra. **Saúde e informação: direitos do povo**. SP: 25 de outubro de 2011. In: Portal do Jornalismo Científico. Acesso em <20 de março de 2017>